

# Ambiente é a grande oportunidade que nos é oferecida

*Environment: a great offered opportunity*

Ambiente es la grande oportunidad ofrecida a nosotros

Há algum tempo, ainda durante minha época de conselheiro do COEMA (Conselho do Meio Ambiente) da CNI – Confederação Nacional da Indústria –, tive a oportunidade de moderar um evento ambiental no Rio de Janeiro. Como todos nós sabemos, meio ambiente é algo que gera discussões acaloradas, hoje e sempre.

De um lado, há os que amam debater e mesmo agir pro-ativamente sobre o tema. De outro, os que fogem do assunto, procurando deixar sua roupa suja bem escondida no cesto e sem disposição de lavá-la, nem mesmo depois, quando sozinhos. Em geral, o bom senso está longe de existir nesses debates.

Muitos se sentem ameaçados, protegem-se contra gastos ambientais, receiam sobre seus passivos e sobre os impactos de suas operações, temem o fechamento da empresa pelo órgão de controle ambiental, ou ainda, escondem de seus colaboradores as ameaças, que eventualmente possam existir para eles e para a comunidade circunvizinha.

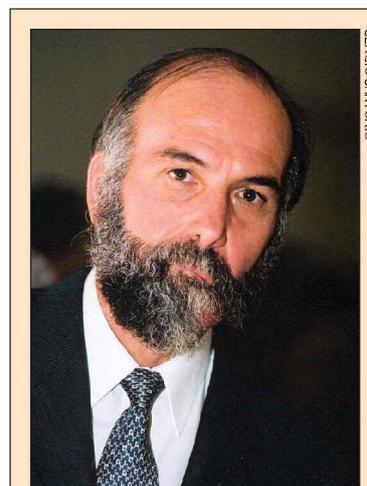
Não poderia ser diferente naquela época e no evento que moderei. Havia no ar um clima de apreensão e reclamações contra as “temíveis barreiras não alfandegárias”; contra as taxações ambientais; e contra, especialmente, os selos verdes. Como o Brasil depende e dependerá sempre de exportações para obter divisas fortes, já que a nossa não o é e não o será tão cedo, os nossos empresários costumam enxergar mui-

tas ameaças. Principalmente, quando isso acontece a partir dos mercados mais nobres e privilegiados, como o europeu e o norte-americano.

Como resultado dessas preocupações, a tônica do evento era a reclamação. Até me surpreendi com isso, pois a maioria dos palestrantes e dos manifestantes da platéia eram pessoas de altíssima qualificação: executivos da indústria, consultores, acadêmicos e professores universitários, advogados em legislação ambiental e alguns políticos aproveitando a ocasião.

Em geral, sou pouco paciente quando ouço um besteiro muito grande. Porém, não podia sair. Eu era o moderador e estava na mesa coordenando os trabalhos. As contínuas reclamações contra a “legislação mais severa do mundo”, contra as normas e certificações ambientais, contra os selos verdes, contra as “tecnologias limpas e caras, mas patenteadas no exterior” e contra tudo que surgiu recentemente para incentivar a melhoria ambiental foram me irritando profundamente.

Surpreendeu-me ver como pessoas numerosas, que eu acreditava serem lúcidas e construtivas, continuavam a ver o tema ambiental muito mais como uma ameaça do que como uma oportunidade. Entretanto, a minha posição não era de debatedor, portanto, contive-me o quanto pude. Deixei as rédeas soltas para ver até onde iam com a choradeira e protestos. Ao final de todas as apresentações, antes do evento



SÉRGIO SANTORIO

**Celso Foelkel,**  
É presidente da ABTCP e consultor da Grau Celsius/Celsius Degree.  
[www.celso-foelkel.com.br](http://www.celso-foelkel.com.br)  
E-mail: [celso@abtcp.org.br](mailto:celso@abtcp.org.br)

se encerrar, a palavra de fechamento cabe sempre ao moderador da mesa: era a minha chance de usar o microfone, e os que me conhecem sabem que, com um microfone na mão, renovam-se as minhas energias e falo, como sempre, o que penso e acredito.

Nesse momento, já tinha ordenado minhas idéias e escrito em uma pequena folha de papel dez frases que apropriadamente procurei colocar para a platéia. Se gostaram? Não sei. Mas falei o que pensava e até hoje me orgulho disso, por isso estou a compartilhar com os leitores. Em resumo, minhas colocações com uma breve explanação mais adequada ao nosso setor e para os dias de hoje, estão enunciadas a seguir:



**Princípio 1:** *A legislação, o ambiental e os órgãos, os de controle constituem-se numa das melhores e mais eficientes ferramentas motrizes para a melhoria do meio ambiente*

Os exemplos passados de fechamentos temporários ou definitivos de fábricas e os de não liberação de novos projetos para se instalarem estão ainda muito vivos na memória do nosso setor industrial. Essa pressão inconsciente e o temor de ser o próximo exemplo na mídia são muito presentes e têm forçado melhorias notáveis em nossas empresas. Quando implantadas e operacionalizadas com sucesso, nossos executivos alardeiam, a quem queira ou possa ouvir, que a empresa é exemplo ambiental e tem a consciência do dever cumprido. Ótimo que isso aconteça: a força da lei impulsionando melhorias na nossa impactante atividade, e nós nos orgulhando do que fizemos, esquecendo-nos que, em parte, só o fizemos, porque fomos obrigados. Tudo bem e ótimo se conseguimos encontrar vantagens depois que aprendemos a enxergar o ambiente sob nova ótica e lógica.

**Princípio 2:** *As normas ambientais, mesmo que voluntárias, promovem uma interessante competição, e o segmento todo é melhorado*

A partir do momento que a Bahia Sul e a Riocell, logo a seguir, conquistaram a certificação ambiental pela ISO 14001, e a Klabin, o selo florestal do FSC, todas as demais empresas se colocaram na obrigação de fazê-lo também para não serem vistas como “piores” pelo mercado. Quando digo mercado, considero não apenas os compradores locais e internacionais de produtos, mas o mercado de capitais e os bancos de financiamentos. As empresas com ações nas bolsas de valores têm a obrigação de se mostrarem ambientalmente corretas e socialmente justas e não apenas lucrativas. As certificações ambientais assinadas por terceiras partes têm importância fun-

damental para isso. Quem ganha: empresas, sociedade e ambiente.

**Princípio 3:** *Os consumidores escolher, o cada vez mais produtos amigos do meio ambiente, ou produzidos por empresas ambientalmente corretas*

Há alguns anos, comprávamos o que havia nas prateleiras, não nos preocupávamos, sequer, em ver a data de validade do produto, até mesmo porque não era comum que isso fosse apresentado ao consumidor. Hoje o mundo é outro. Há uma enorme preocupação com os produtos que possam prejudicar a saúde, com os alimentos transgênicos, com os produtos com agrotóxicos, com as embalagens com conteúdo de algum químico residual, etc. O consumidor descarta as empresas que estejam poluindo o ambiente, rejeitam seus produtos, e já é comum que se pague mais por um produto ambientalmente melhor: vejam-se os produtos orgânicos, o arroz e o pão natural, os remédios homeopáticos, etc. Logo isso chegará forte em nossos produtos na forma de selos verdes e de declarações ambientais. Até mesmo nossas empresas de celulose e papel já estão se antecipando com autodeclarações do tipo: 100% obtido de florestas plantadas, branqueamento ECF, reciclável, biodegradável, 100% feito de papel reciclado, etc.

**Princípio 4:** *O que é ambientalmente bom hoje, necessariamente, não, o vai ser assim no amanhã, (e vice-versa)*

Não existe limite para o avanço do conhecimento e das descobertas da inteligência. Produtos e processos que, no passado, eram vistos como ótimos foram descartados por tecnologias mais eficientes no uso dos recursos naturais, como energia e matérias-primas. Não me esqueço que durante minha juventude ouvia o Amaral Neto, o repórter, rejubilar-se da conquista da Amazônia para garantir a soberania nacional, em acordo com a lógica dos detentores do poder na época. Hoje, a construção da Transamazônica e o desmatamento para a geração de agrone-

gócios miseráveis e de curta duração são vistos como sérios erros ambientais do nosso recente passado.

**Princípio 5:** *Toda atividade gera impactos, que precisam ser monitorados, gerenciados e otimizados*

Nossa indústria tem impacto ambiental. Não há como negar isso. Logo, temos de atuar, de forma a minimizar os efeitos negativos, prevenir que os mesmos prejudiquem a comunidade e o ambiente. Por outro lado, há efeitos positivos que devem ser entendidos e maximizados.

**Princípio 6:** *Meio ambiente é excelente fator de motivação, o pessoal*

Tenho trabalhado há muito tempo com meio ambiente em empresas. Para mim, o processo ambiental é uma das melhores, mais fáceis e mais disputadas bandeiras que nossos colaboradores querem carregar. É muito mais eficiente trabalhar meio ambiente com conscientização e com motivação do que com complicadas tecnologias e sistemas de gestão desenvolvidos com base em planilhas e burocracias. Nos dias atuais de inseguranças e temores sobre o emprego, o trabalhador precisa acreditar em coisas que ele veja como possíveis de melhorar o seu presente e o futuro de seus filhos. Meio ambiente é muito mais bandeira a carregar do que aquela de dar lucro ao acionista. Entretanto, podemos combinar ambas, pois, ao desperdiçar menos, geramos menos poluição, somos mais eficientes, e a empresa e os acionistas ganham mais também.

**Princípio 7:** *Gest, o ambiental deve ser encarada como uma oportunidade de ganhar mais dinheiro e não, o como mais despesa*

Se nossa preocupação com o meio ambiente se limitar a colocar sistemas de tratamento de efluentes hídricos, aéreos e estações de compostagem ou aterro de resíduos sólidos, então, estaremos só no lado das despesas, não ganharemos nada, só melhoramos nosso nível de poluição, cumprimos a

lei, mas pagaremos e muito para isso. Entretanto, se trabalharmos na prevenção da poluição, na redução do desperdício, seremos mais eficientes, gastaremos menos matérias-primas, energia e insumos, e nossa margem de lucro aumentará. Fácil entender, difícil praticar e mais difícil ainda vender a idéia em uma indústria acostumada a desperdiçar insumos (fibras, água, vapor, energia elétrica, minerais, etc.)

**Princípio 8:** *Qualidade ambiental e social ser cada vez mais obrigatória, o das empresas!*

Ao praticarmos mais e mais os princípios neoliberais vigentes, estamos gradualmente tirando do Estado as responsabilidades sociais com saúde, educação, previdência, segurança, etc. (por outro lado, o Estado quer também se livrar disso, pois sabe que não tem competência para fazê-lo bem). Resultado? A quais entidades caberá esse papel no médio prazo? Já vimos que, gradualmente, as empresas estão assumido isso,

sem que seja de forma paternalista. Idem para os aspectos ambientais: o Estado atuará como facilitador, como controlador e legislador, mas quem deverá fazer as coisas acontecerem será a iniciativa privada, não tenho dúvidas.

**Princípio 9:** *A sustentabilidade que buscamos É a do ser humano no planeta!*

Apesar de toda nossa preocupação com o mico-leão dourado, com as tartarugas marinhas, com as baleias e com os ursinhos panda, o conceito de desenvolvimento sustentável é totalmente antropocêntrico, e nossas ações são para garantir um planeta razoavelmente habitável pelas sociedades de humanos do futuro. Então, nada melhor do que nos preocuparmos mais com o ser humano já a partir de hoje e não apenas com os animais em extinção. Não que não devamos nos preocupar com eles, mas é incrível que nos condoamos e sintamos pena de um cachorrinho molhado em dia de chuva e fechemos rapidamente a janela de nossos carros, arrancando rapi-

damente quando, nesse mesmo dia de chuva, uma criança pobre, molhada e faminta, vem em nossa direção pedir uma esmola ou algo para comer.

**Princípio 10:** *Estamos muito longe da prática do desenvolvimento sustentável!*

Voltando àquele evento do Rio de Janeiro, cansei-me de ouvir vaidosos empresários dizerem que suas empresas praticam o desenvolvimento sustentável. Insistentemente encontro isso enunciado em relatórios de empresas, onde em suas repetitivas Missões e Visões, afirmam que elas são ambientalmente corretas e justas com a sociedade, gerando lucro ao acionista e, por isso, são praticantes do desenvolvimento sustentável. Concordo que estejam buscando isso, que muitas realmente fazem muito mais do que outras, mas há ainda um longo caminho a andar para sermos ambientalmente corretos, socialmente justos e economicamente viáveis, ao mesmo tempo e, principalmente, de forma continuada. 

## METSO AUTOMATION FELICITA E AGRADECE À KLABIN, UNIDADE CORREIA PINTO, PELA PARCERIA DE SUCESSO

A Metso Automation executou em conjunto com a Klabin, e com bastante sucesso, a implementação de Controles de Otimização do processo de Cozimento por Batelada na unidade de Correia Pinto. A solução consistiu em combinar várias ferramentas e avanços, tais como: o controle da taxa de produção e programação das bateladas; o controle da qualidade de celulose; o controle e o nivelamento do consumo de vapor e o previsor do nível de tanque de descarga.

Como resultado de esforços agrupados entre as equipes técnicas da Metso e da Klabin, a implementação trouxe várias vantagens diretas para a unidade: estabilizaram o processo de cozimento de tal forma que a variação do Kappa reduziu de forma significativa; o rendimento aumentou e o consumo de licor branco e o de matéria-prima diminuíram. Além disso, a redução de sólidos para a caldeira de recuperação permitiu um aumento da produção. Foi observado ainda economia no consumo de vapor, bem como redução com custos de manutenção de equipamentos. A combinação desses resultados teve como consequência um excelente retorno do investimento.

A Metso Automation felicita e agradece seus parceiros da Klabin Papéis pela dedicação, suporte e comprometimento demonstrado durante a execução deste projeto. O resultado alcançado é nosso!

